

**1X7 PERDENDO DE GOLEADA E EM CASA
RESENHA DA DISSERTAÇÃO COETÂNEOS DA CRÍTICA: UMA
CONTRIBUIÇÃO AOS ESTUDOS DE RENOVAÇÃO DA GEOGRAFIA, DE PAULO
CESAR SCARIN¹**

Leonardo Araujo Cardeal da COSTA
Mestrando em Geografia Humana
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas – Universidade de São Paulo
(FFLCH/USP)
leonardocardeal@gmail.com

SCARIN, Paulo Cesar. Coetâneos da crítica: uma contribuição aos estudos de renovação da geografia. Dissertação (Mestrado em Geografia Humana). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. 2001.

INTRODUÇÃO – UMA PREOCUPAÇÃO GERACIONAL

Final da década de 1970, anos 2000 e agora 2015 são três momentos bem distintos em que ocorreram transformações no mundo, no Brasil, na ciência, na Geografia e no modo de pensar sobre todos eles.

Tal observação é importante para destacar as dificuldades de leitura e interpretação sobre a renovação da geografia brasileira (década de 1970, principalmente), sobre a dissertação *Coetâneos da Crítica: uma contribuição aos estudos de renovação da Geografia Brasileira* de Paulo César Scarin (defendida em 2001) e a resenha realizada por mim, quatorze anos após a pesquisa de Scarin e quarenta anos após o que o autor da dissertação denominou de renovação da Geografia Brasileira.

São três momentos distintos, porém que não se deixam de dialogar. Perpassa gerações, sendo necessário problematizar como a Geografia no Brasil foi sendo feita e contada a partir dos anos 1970 e quais os reflexos que isso promove para prática em Geografia, seja na academia com pesquisas, dissertações e teses, seja na área técnica, seja nas instituições geográficas (Associação dos Geógrafos Brasileiros, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas, Universidades brasileiras), seja no ensino de Geografia nas escolas básicas.

¹ Resenha realizada para a mesa As críticas à “geografia crítica” no Brasil, durante o Seminário Leituras Cruzadas provido pela disciplina Abordagens Teóricas e Metodológicas em História da Geografia, do Programa de Pós-Graduação em Geografia Humana da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, ministrado pelo Professor Doutor Manoel Fernandes de Sousa Neto.

Building the way

Compreender o que ocorreu na Geografia brasileira na década de 1970 quase trinta anos depois como buscou fazer Scarin exige muitos cuidados que o próprio autor procurou, de forma eficaz, cumprir. E são os mesmos cuidados que esta resenha deve conter, pois analisa-se um trabalho escrito há quinze anos sobre acontecimentos que ocorreram e vinham ocorrendo entre 1970 e 2000. Ou seja, comentar, depois de uma década e meia, sobre o que já foi realizado pode-se cometer injustiças com aqueles que viviam o presente; hoje nada menos que o passado.

Essa preocupação geracional e a forma como isso foi trabalhado, são pontos positivos do trabalho de Scarin, não apenas para o estudo sobre a renovação da Geografia Brasileira, mas para qualquer pesquisa relacionada com a história do pensamento. Por compreender isso, para esta resenha também é necessário realizar essa ressalva sobre os diferentes momentos de análise. Portanto, qualquer má interpretação possa fazer da dissertação e seu conteúdo, já tenho no que recorrer: faço a análise em outro momento, um posterior, já acumulado e influenciado por tudo que surgiu de 2000 em diante, principalmente nos embates teóricos e políticos que vem ocorrendo na Geografia realizada no Brasil.

O TÍTULO: O QUE PODE REVELAR OU ESCONDER?

Buscando estudar as rupturas, os impasses, a estrutura acadêmica, a forma de leitura, a organização da comunidade geográfica, suas tendências e suas perspectivas atuais, como forma de contribuir para a reflexão necessária de toda a comunidade científica é o desafio deste trabalho.” (2001, p.4).

Com esta inicial passagem, Paulo Cesar Scarin indica ao leitor o que move a sua dissertação *Coetâneos da Crítica: contribuição ao estudo do movimento de renovação da geografia brasileira*.

Investigar e decifrar momentos importantes que promovem mudanças no desenvolvimento acadêmico e político de uma disciplina científica exige uma pesquisa refinada e cautelosa para não cometer equívocos e jogar o bebê fora junto com a água do banho. Ainda mais, se isso for no Brasil, ainda mais se isso for na Geografia.

Indagando o título principal *Coetâneos da Crítica* - e ousando brincar com o a forma, a função e o significado das palavras -, o que é o substantivo e o que é adjetivo? O que é singular e o que é plural? O que interpretar desse título?

De acordo com dicionário Aurélio (2010), coetâneo é um adjetivo que significa: “(1) contemporâneo”, ou seja, algo que se enquadra num mesmo período.

Building the way

Scarin diferencia contemporâneo e coetâneo. Coetâneos para o autor são aqueles que “vivenciam uma mesma perspectiva em relação ao mundo, independentemente da idade e da época, sendo identificados a partir de um evento comum a essas pessoas” (p.6).

Dessa maneira, a intenção do autor não é tratar a história da Geografia por periodizações, mas sim buscar o que há de comum entre os participantes do movimento de renovação da Geografia, pois nesse processo cada participante traz perspectivas diferentes sobre os acontecimentos. O que é necessário uma cautela: esses coetâneos, que possibilitam narrar uma história coletiva, pertencem a semelhante linha de concepção, ou seja, esse discurso pretensamente coletivo não pode se transformar em um discurso único?

Por sua vez, *Crítica*, segundo o dicionário Aurélio, é um substantivo que permite inúmeras acepções:

“(1) a arte ou faculdade de examinar e/ou julgar obras”;

“(2) a expressão da crítica(1), em geral por escrito, sob forma de análise, comentário ou apreciação teórica”;

“(3) o conjunto daqueles que exercem a crítica, os críticos”;

“(4) juízo crítico; discernimento, critério”;

“(5) discussão dos fatos históricos”;

“(6) apreciação minuciosa; julgamento” e

“(7) Ato de criticar, de censurar; censura, condenação”.

Sabe-se que um adjetivo apenas é flexionado em número a partir do substantivo. No título, *Crítica* está no singular e, portanto, baseando-se na gramática, o correto seria coetâneo. Todavia, está escrito *Coetâneos*.

Seria isto um sinal ou uma confirmação do que o autor busca abarcar sobre as várias acepções do significado de *Crítica*? Durante a dissertação, o autor não esclarece o que ele compreende sobre *Crítica*.

Foi algo pensado propositalmente ou ao acaso? Dos sete modos aqui elencados de pensar a crítica, Scarin pensou em todas as possibilidades de interpretações? Deixou de usar algumas? Preocupou-se mais com uma em detrimento de outras? Ou, para Scarin, a crítica apresenta outras perspectivas? E, por fim, em qual teoria ele pensou a crítica? E pelo viés do *Coetâneos*, será que apresenta alguma pluralidade?

Building the way

Em suma, a crítica é a essência e o coetâneos qualificam essa crítica; e por que não falar em Coetâneo das Críticas?

Esse *Coetâneos da Crítica* refere-se a o quê? A análise pormenorizada, de palavra por palavra, do subtítulo (*contribuição ao estudo do movimento de renovação da geografia brasileira*) auxilia a resposta dessa questão. *Contribuição* remete a colaboração; *movimento* pode ser compreendido uma busca por mudança; *renovação* quer dizer buscar que algo fique como novo, porém não se sabe se para pior ou para melhor, apesar do intuito sempre otimista; *geografia* é uma disciplina científica e *brasileira* indica um país.

Assim, o título já descreve muito sobre a obra, tornando possível apreender em linhas gerais o que o autor propõe-se a realizar: um estudo de como se fez e pensou a crítica a partir de perspectivas que estão postas em um mesmo período – principalmente apoiada em entrevistas de geógrafos que vivenciaram essa experiência -, procurando colaborar com a discussão sobre um momento no que Scarin denominou de movimento de renovação da geografia brasileira. Isso logo faz questionar o que havia antes para surgir uma renovação e se é possível falar em geografia brasileira, que geografia era essa feita no Brasil.

Ao título, apenas escapa uma relevante informação, a periodização. Os *Coetâneos da Crítica* é um estudo que parte de uma considerada crise da geografia na década de 1970, visando refletir sobre a geografia brasileira nas três últimas décadas do século XX.

Por fim, e retomando a citação inicial de Scarin, *rupturas, estrutura acadêmica, comunidade geográfica e científica* são elementos centrais para a compreensão dissertação.

ESTRUTURA DA DISSERTAÇÃO

Paulo Cesar Scarin, dividiu *Coetâneos da Crítica* em quatro capítulos. Os três primeiros são um esforço de pesquisa para compreender a Geografia no Brasil em termos teórico-prático e político. Já o último capítulo é o de maior peso da obra, pois Scarin realizou entrevistas com os geógrafos que participaram do movimento de renovação, uma relevante contribuição para a história da Geografia.

OS CAPÍTULOS

1) *A construção da geografia acadêmica no Brasil* – mostra as continuidades e descontinuidades dessa construção, num ponto de vista linear.

Building the way

2) *Caminhos da geografia atual* – busca pensar em contextos mais amplos, num viés externalista, de mudanças globais que escapam do controle local.

3) *Restos de um debate inacabado* – tenciona refletir sobre o movimento das ideias (circulação, seu contexto), envolvendo principalmente o debate sobre primeira e segunda natureza em Marx.

Capítulo 4 – *Críticos da Geografia Brasileira* – um texto a partir das falas dos geógrafos que representam esse movimento de renovação.

COMO FOI ESCRITO E AS FONTES DE PESQUISA - PAULO CESAR SCARIN: UM FILHO DA CRÍTICA

Pesquisas sobre a história da Geografia sempre exigem um levantamento apurado de documentos, anais de encontros, livros, artigos e relatos. Isso não é diferente em *Coetâneos da Crítica*. Porém Paulo César Scarin vai além das fontes documentais, entrevistando as próprias pessoas que fizeram parte daquela história, buscando não apenas a frieza dos acontecimentos, mas sim, também, as subjetividades e sentimentos de quem viveu e teve experiências daquele momento.

Assim, para analisar o movimento de renovação da Geografia Brasileira e suas consequências, Scarin entrevistou uma série de geógrafos importantes desse momento: Ana Fani Alessandri Carlos, Antonio Carlos Robert Moraes, Ariovaldo Umbelino de Oliveira, Armando Corrêa da Silva, Carlos Walter Porto Gonçalves, Heins Dieter Heidemann, Odette de Lima Seabra, Milton Santos, Roberto Lobato Corrêa e Ruy Moreira.

Há muito em comum entre esses entrevistados. Primeiro, todos fizeram parte do movimento de renovação crítica, porém cada um com seu contexto e com sua contribuição. Segundo, todos são ou foram professores universitários e com grande destaque por suas pesquisas. Terceiro, são professores da considerada Geografia Humana. Por fim, são geógrafos pertencentes a universidades do Rio de Janeiro ou de São Paulo (no caso, a Universidade de São Paulo).

Os Coetâneos fazem parte de um círculo muito estreito da Geografia brasileira, localizados em lugares específicos e centrais da produção do conhecimento no Brasil.

A própria dissertação de Paulo César Scarin é realizada nesse centro: Universidade de São Paulo, sob orientação de Ana Fani Alessandri Carlos (um coetâneo). Scarin é um filho

Building the way

desse movimento crítico, pois os currículos e as ementas disciplinares da USP, a partir da década de 1990 já foram elaborados pelos geógrafos do movimento de renovação. E a Geografia da USP foi um dos grandes expoentes do movimento crítico da Geografia e por ser na USP (um centro de conhecimento) o que acontecia nesse Departamento de Geografia influenciava em muito outros locais, principalmente no século XX em que havia poucos cursos de pós-graduação no Brasil e pessoas do país inteiro procuravam a USP para realizar seus mestrados e doutorados.

A abrangência territorial da análise de *Coetâneos da Crítica* limita-se muito ao eixo Rio-São Paulo (principalmente USP, sem considerar as UNESPs) e, assim, a pesquisa não procurou investigar o que ocorreu com a Geografia em outros estados. A impressão que ocorre ao ler a dissertação é o que aconteceu na Geografia de São Paulo e do Rio de Janeiro, aconteceu em toda Geografia Brasileira. Em partes, isso é uma verdade, porque Rio e São Paulo são centros, são locais em que vários pesquisadores visitam e que formam geógrafos que se espalham por todo Brasil. Porém, sabe-se que em outras universidades, como a UNESP de Rio Claro, a história da Geografia foi diferente.

Nesse sentido, o estudo e o debate sobre os acontecimentos da Geografia após o movimento de renovação que Scarin buscou analisar a partir desses entrevistados pode estar preso a um único modo de compreensão dos fatos. Scarin tenta desvendar o passado que chega até nós com “dizeres desconexos” e “de intensões discursivas variadas”(p. 31), porém ele apenas se utiliza de uma corrente de geógrafos para desvendar o que ocorria na década de 1970 em diante.

Todavia, é riquíssima a história contada em *Coletâneos da Crítica* muito devido a essas entrevistas com esses importantes geógrafos, e também porque Paulo César Scarin conseguiu contextualizar os depoimentos no seu próprio texto, embasando suas argumentações para explicar o que se passou na Geografia Brasileira a partir do movimento de renovação.

A narração da história é linear, o que torna a explicação dos processos e acontecimentos na Geografia mais didática, porém aprisionada em datas. No limite, Paulo César Scarin acabou determinando marcos de referências para a compreensão do que se passava na Geografia durante o século XX.

Exemplos: pensar a Geografia acadêmica a partir de sua institucionalização na Universidade de São Paulo e Universidade do Distrito Federal (1934), a fundação da AGB (1935) e a chegada dos geógrafos franceses Pierre Monbeig e Pierre Deffontaines.

Building the way

Paulo Scarin debruçou-se grande parte de seu texto para abordar a AGB, sua fundação, seus primeiros encontros, sua estrutura interna, como era organizada, que atividades produzia, porém sempre havia uma crítica a seu caráter centralizador, com número limitado de geógrafos associados. Parece que Scarin desde o início preparou os argumentos para legitimar o que ocorria na década de 1970 quando acontece uma transformação radical da AGB em função do movimento de renovação que havia na Geografia que teve seu ápice no Encontro de Fortaleza em 1978.

De forma geral, há um panorama do que ocorria na Geografia em cada década. Há um olhar especial para a década de 1970, pois havia uma maior agitação, a entrada de várias correntes geográficas como a Teorética em superação a Geografia Tradicional e, em sequência, como resposta a Geografia Teorética surgiu o movimento de renovação crítica da Geografia.

Percebe-se durante a leitura uma depreciação a Geografia Teorética em relação a Geografia Crítica. A primeira seria de geógrafos ligados ao prestígio do poder e a segunda estava relacionada com geógrafos que contestavam as ordens e que dialogava com os movimentos sociais.

No mais, Scarin faz um balanço do que se desenvolveu na geografia após o movimento de renovação, comentando os triunfos e desilusões que foram se sucedendo na década de 1980 e 1990.

Uma Geografia Crítica ou uma Atitude Crítica?

Ruy Moreira, em 2013, concedeu uma entrevista a Revista Paisagens e disse que não considera adequado o termo Geografia Crítica, “porque o que queríamos, foi esse o meu caso, foi compreender um processo de movimento crítico. Uma atitude crítica é diferente de uma Geografia Crítica”, relata Moreira (PAISAGENS, 2014).

A ideia expressa por Ruy Moreira sintetiza o que Scarin procurou demonstrar ao analisar o que aconteceu na Geografia Brasileira a partir de 1970 em que o movimento de renovação crítica foi protagonista.

Há um questionamento sobre o que o movimento crítico propiciou para Geografia em termos de avanços e retrocessos. *Coetâneos da Crítica* possibilita compreender as dificuldades e os conflitos que a renovação trouxe para a comunidade geográfica, seja do ponto de vista teórico-prático da leitura da realidade, seja do ponto de vista político organizacional da

Building the way

disciplina, o que faz Paulo Cesar Scarin questionar se é possível uma mudança teórica sem uma mudança estrutural.

Diante desse conflito, *Coetâneos da Crítica* mostra uma narrativa de embates sobre as transformações na Geografia brasileira a partir de 1970 até 2000, exemplificados nas diferenças:

a) entre correntes teóricas da Geografia vigentes na época – a princípio a ascensão de uma Geografia Teorética para sobrepor o pensamento de uma geografia dita Tradicional; e depois o surgimento de uma Geografia de cunho Marxista em resposta a Geografia Teorética e que também possibilitou o surgimento de outras correntes como a Geografia Humanística e Existencialista;

b) entre o pensado e o produzido nos movimentos sociais e na universidade em relação ao conhecimento geográfico que melhor interpretasse a realidade, principalmente, em relação as ideias marxistas;

c) entre diferentes concepções do que deveria ser a AGB em termos políticos e acadêmicos.

Paulo César Scarin aponta para vários problemas que não foram solucionados pelo movimento de renovação crítica, muito devido as várias interpretações teóricas e práticas que os geógrafos fizeram, principalmente, da relação entre Marxismo e Geografia. Houve mais acirramentos na Geografia do que convergências (o confronto entre Geografia Física e Geografia Humana é um exemplo disso), tornando o movimento de renovação crítica não necessariamente uma corrente de pensamento que produziu determinados conhecimentos, mas um movimento que buscou trazer novas atitudes, olhares, fazeres e compreensões sobre a Geografia.

Portanto, esse movimento crítico analisado na dissertação de Scarin abarcou as sete concepções levantadas anteriormente sobre a crítica, pois em *Coetâneos da Crítica* há:

1) um julgamento sobre o que foi produzido pelo movimento de renovação, a partir principalmente do advento da perspectiva marxista;

2) a expressão desse julgamento através das análises sobre o que aconteceu com a produção intelectual da Geografia e com suas instituições como a AGB;

Building the way

3) um diálogo com aqueles que realizam a crítica, porém apenas com aqueles que fizeram parte do movimento de renovação. Faltou a crítica daqueles que não concordavam com o movimento de renovação.

4) um critério, que todavia, privilegiou o lado dos que realizaram o movimento de renovação, pois apenas quem fazia parte desse movimento foi entrevistado;

5) discussão sobre fatos históricos, apesar de um olhar, em alguns momentos, já preconcebido sobre os fatos, prejudicando de certa maneira a análise.

6) uma apreciação do que foi o movimento de renovação e o que isso representou para a Geografia;

7) uma censura, pois a pesquisa não busca outros pontos de vista sobre o que aconteceu com a Geografia no Brasil pós-1970, essencialmente, em relação as entrevistas em que muitos personagens importantes não foram ouvidos e, quem sabe, poderiam contar uma outra história.

A concepção sete é importante, pois evidencia que os *Coetâneos*, apesar de vários, compartilham de modo geral o mesmo pensar sobre o movimento de renovação. É uma história para sete críticas que mostra uma Geografia brasileira ainda em crise.

Um a sete me lembra o futebol brasileiro, também em crise como a Ciência refletida na Geografia. Algo precisa mudar? Sim, principalmente na esfera de ação dos comandos.

Considerações Finais

Coetâneos da Crítica além de registrar a história de como sucedeu o movimento, pretendeu-se analisar o que foi produzido pela Geografia e seus geógrafos brasileiros no último quartel do século XX. Todavia, ao lê-la muito pouco se encontra sobre o que de fato foi feito ou o que foi feito de diferente por aqueles que participaram do movimento de renovação.

Scarin focou bastante suas pesquisas e entrevistas em analisar como os coetâneos da crítica interpretam o que foi o movimento de renovação da Geografia Brasileira, porém pouco relata o que esses coetâneos contribuíram para a Geografia no Brasil para a resolução da suposta crise que havia nos anos 1970. Quem sabe isso seja uma opção feita pelo autor ou, por outro lado, um sinal que nas últimas décadas pouco se fez e pensou de forma efetiva sobre a prática do geógrafo.

Building the way

Paulo César Scarin, ao pensar no movimento de renovação da Geografia Brasileira na década de 1970 até os anos 2000, não indagou a necessidade de uma outra possível renovação da Geografia feita no Brasil. *Coetâneos da crítica* soa como uma reafirmação do movimento de renovação da Geografia brasileira na década de 1970.

Nos últimos 15 anos não houve muitas mudanças em relação ao quadro que Scarin desenhou sobre a Geografia feita no Brasil. Exceto a AGB que de certa maneira perdeu força entre os órgãos que financiam pesquisas. Justo a AGB que foi alvo das preocupações do movimento de renovação que buscou a abertura da entidade para estudantes de Geografia e uma maior relação com os movimentos sociais.

A AGB atualmente está mais ligada ao ensino de Geografia e a um diálogo com movimentos sociais, eixos secundários entre os pesquisadores da academia. Seria uma evidência do enfraquecimento da AGB por estar voltada ao ensino nas escolas, ou por se por olhar mais para o ensino e mesmo para os movimentos sociais a AGB foi apartada dos rumos das pesquisas acadêmicas? Ou, o que interessa de fato na Geografia das universidades são as pesquisas e a disputa de poder para se obter financiamentos e altos cargos na academia? A AGB enfraqueceu-se e o que os coetâneos pensam sobre isso atualmente? Eles ainda fazem parte dos quadros diretivos da entidade?

A AGB ainda é importante para definir os rumos da Geografia acadêmica, porém atualmente apresenta um valor menor em relação a outros órgãos. A AGB é plural - estudantes de graduação podem associar-se e participar de encontros (uma conquista do movimento de renovação) – e precisa voltar a ser mais determinante na Geografia. Conseguirá? Quem luta pela AGB hoje? Desde de 1978 a AGB teve como grande aliado o movimento estudantil, esse vínculo precisa ser mais atuante, até porque a turma de 1978 já não é mais estudante, muitos são professores e, de certa forma, estão agora em outra situação, com outros interesses.

O movimento de renovação da geografia ocorrido na década de 1970 exerceu uma hegemonia na Geografia que ainda perdura nosso tempo. Criou-se uma tradição. Deste modo, pergunto: **não está na hora de propormos uma nova renovação da Geografia feita no Brasil?**

Referências Bibliográficas

PAISAGENS. *Entrevista com o professor Ruy Moreira*. In: Paisagens – Revista dos Estudantes de Graduação, Edição número 11, 2014.